

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA ESCOLA: RELATO DE OFICINA SOBRE O MEDO

Ludwig Félix Machado Leal ¹
Mísia Carolyne Pereira de Moraes ²
Cinthya Karina Ventura de Macêdo ³

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência, cujo objetivo principal é discutir uma oficina psicopedagógica realizada com alunos do 5º ano do ensino fundamental anos iniciais em uma escola privada no Estado da Paraíba – PB. A oficina foi realizada na turma de 5º ano com 13 participantes presenciais e 2 remotos e aconteceu em quatro etapas: sensibilização, produção de desenho, discussão e avaliação. Foi possível estimular o protagonismo e autonomia dos participantes trabalhando o tema proposto por meio da produção de um desenho. A partir do desenho elaborado sobre um medo pessoal que cada participante escolheu, foi trabalhado como cada um pode lidar com o mesmo, ressignificando algumas crenças sobre cada medo apresentado.

Palavras-chave: Competências socioemocionais, Psicologia Escolar, Oficina Psicopedagógica, Medo.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiência, cujo objetivo principal é discutir uma oficina psicopedagógica realizada com alunos do 5º ano do ensino fundamental anos iniciais em uma escola privada no Estado da Paraíba – PB. No relato em questão será abordado um recorte do trabalho do setor de psicologia escolar realizado junto aos alunos do ensino fundamental anos iniciais que tem como foco o desenvolvimento de competências socioemocionais.

Tradicionalmente as competências socioemocionais podem ser definidas como a capacidade do sujeito entender, externar e lidar com suas emoções tanto em nível individual quanto social. Essas habilidades são necessárias em diversas esferas da vida

¹ Mestrando em **psicologia social** na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicologoludwigleal@gmail.com;

² Mestranda em **psicologia social** na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, misiacarolyne@gmail.com;

³ Graduada em **Psicologia** pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU-CG), cinthyakvmacedo@gmail.com.

do indivíduo como seus processos de aprendizagem, bem-estar psicológico, na resolução de problemas e na forma como se relaciona (BAR-ON, 1997; MACÊDO; SILVA, 2020). As habilidades socioemocionais são, de maneira geral, a consciência e competência para com as emoções de modo a facilitar sua vida em sociedade e consigo mesmo.

Hoje é consenso na área que maiores níveis de habilidades socioemocionais estão associados a melhores índices de saúde mental, maior satisfação nas relações interpessoais e melhor performance no trabalho e na escola. Sobre o campo educacional especificamente é válido salientar que uma melhor performance acadêmica entre os estudantes que contam com conhecimento ou tem um percurso atravessado pela exposição e prática de competências socioemocionais (ROSIN-PINOLA et al. 2017). Mais que isto, estas competências podem ser consideradas pré-requisitos para um processo de ensino-aprendizagem mais adequado (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1997).

Dentre os fatores que atravessam o constructo podemos citar variáveis como atitudes e valores, características de personalidade, autoconsciência e autoeficácia, assim como habilidades interpessoais, manejo de tempo, concentração e atenção (SANTOS et al. 2018). Autores como Santos e Primi (2014) apontam a facilidade para comunicação, motivação, resiliência e autonomia como componentes importantes nessa dinâmica. A diversidade de elementos que podem contribuir para a construção dessas habilidades já demonstra um pouco da complexidade do assunto.

É preciso lembrar que apesar de ser um assunto que está em ascensão, por vezes, os estudos voltados para as habilidades socioemocionais tendem a separar estas dos aspectos cognitivos, trazendo à tona uma visão fragmentada do assunto e ignorando dimensões relevantes. Ao se desconsiderar uma reflexão sobre dimensões como tempo, espaço, historicidade, modo de produção, status sociais e econômicos dos atores envolvidos, se corre o perigo de percorrer um caminho em direção a superficial produtividade compulsiva, a reprodução de preconceitos e ocultação das contradições sociais (SMOLKA et al. 2015).

Tendo em vista o exposto até o dado momento, é válido lembrar que esta foi uma experiência que se deu em uma escola particular, em um contexto relativamente estável no sentido socioeconômico e teve como foco principal abordar a temática do medo e estimular o protagonismo e autonomia. Tal tarefa foi empreendida contou com o

suporte da teoria psicanalítica e de autores como Augusto Boal que trazem uma direção para emancipação e consciência crítica quanto a forma como são produzidas discursos e subjetividades atualmente.

METODOLOGIA

A oficina foi realizada na turma de 5º ano com 13 participantes presenciais e 2 remotos e aconteceu em quatro etapas: sensibilização, produção de desenho, discussão e avaliação. Na primeira etapa, como forma de trabalhar a sensibilização dos participantes frente a tema do dia foi lembrado o que se trabalhou no encontro anterior com o psicólogo. Após isso foi passado um vídeo de um desenho animado chamado Masha e o Urso⁴. Ao final do vídeo foram feitas as seguintes perguntas: Do que se trata o vídeo? O que mais gostaram e o que menos gostaram na história? Vocês mudariam algo na história? Já sentiram medo de alguma coisa? De que? Como foi?

A segunda etapa foi composta pela produção e apresentação de um desenho. Os participantes foram orientados a produzir e apresentar para os colegas um desenho sobre um medo pessoal. O psicólogo mediou esta etapa com perguntas como: o que você pensa quando esse medo aparece? desde quando você lembra de sentir isso?

A terceira etapa aconteceu através de uma discussão e reflexão sobre o medo que foi desenhado por cada um. Para começar, o psicólogo passou um vídeo contendo um audiobook chamado “Tenho medo, mas dou um jeito”⁵. A partir disso, as crianças foram convidadas a refletir sobre como lidar com os medos que desenharam na etapa anterior. Para finalizar a oficina o psicólogo pediu que cada participante avaliasse o momento com uma palavra.

⁴ É uma série de desenho animado produzida na Rússia pela Animaccord Studios. A série tem como base um conto de fadas do folclore russo e trata da vida de uma menina traquina de três anos chamada Masha, que mora no meio da floresta. O seu melhor amigo, e também protagonista da série, é um urso que mora em uma cabana na mesma floresta, o qual atua como uma figura responsável por Masha e que está sempre lidando com alguma travessura da menina. No episódio apresentado para a turma Masha assiste sozinha a um filme de terror tarde da noite, o que a deixa bastante assustada, assim a garota acaba criando diversas situações embaraçosas que o Urso tem que ajudar a consertar.

⁵ O livro chamado “Tenho medo, mas dou um jeito” foi escrito pelas autoras Ruth Rocha e Dora Lorch e trata de uma série de medos comuns para crianças. Para cada medo específico as autoras propõem uma solução, por exemplo: “Eu tinha muito medo de faca e de tesoura, porque uma vez eu cortei o dedo..., mas agora aprendi como é que a gente usa a tesoura para não ser perigoso”. Assim, observa-se que seu objetivo é ajudar as crianças a partir de três anos a superarem essas dificuldades. Na oficina foi passado um vídeo contendo um audiobook desta história narrado pelo canal do Youtube Bisnaga Kids.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da vivência com a turma compreende-se que muita coisa não se traduz em palavras. Há um aspecto do Real que as palavras não dão conta de expressar em sua totalidade, entretando, faz-se nesta seção um esforço para elaborar os possíveis resultados observados, mesmo que subjetivos e imensuráveis, mas ainda é possível dizer algo sobre essa experiência.

Na primeira etapa, a sensibilização, observamos que as crianças ainda mantinham fresco na memória o último encontro com o psicólogo. Quando se perguntou se eles lembravam o que foi trabalhado na última oficina, apesar de ter se passado dois meses, as crianças lembraram que foi feito um desenho sobre as principais dificuldades de cada um. Começaram, então, a citar, um a um o que tinha sido desenhado. Dificuldade com os estudos, dificuldade na relação com a família, dificuldade em lidar com perdas de pessoas queridas, medo da pandemia do novo coronavírus, medo de dormir sozinho, medo do escuro, medo de ser abandonado pelos pais, medo, medo e mais medo.

Ainda na sensibilização durante a exibição do episódio de Masha e o Urso algumas crianças fizeram comentários como “sou eu todinha”, “nossa! esse vídeo é muito eu”, “parece que sou eu na hora de ir dormir”, isso sempre acompanhado de um riso. Ao final do vídeo, quando feitas as perguntas descritas na metodologia, três crianças comentaram mais sobre o quanto se identificam com o vídeo e que gostariam sim de mudar muita coisa na história, que queriam ver uma Masha mais forte e destemida, que ela não devia brincar com fogo dentro de casa e que ela não era pra ter visto filmes de terror antes de dormir. Uma das crianças acrescentou que Masha devia ser mais corajosa, afinal era só o urso, seu companheiro, chegando perto dela em uma cena que a protagonista se assustou quando o viu e achou que era um monstro. Outro participante ainda complementou que na vida é quase sempre assim, você tem medo de algo a noite, mas quando vai ver de perto não é nada demais.

Seguindo com a oficina, os participantes fizeram seus desenhos sobre um medo pessoal que escolheram. Durante a produção alguns participantes sentiram a necessidade de chamar o psicólogo para falar sobre o que estavam produzindo, este, por sua vez, com escuta atenta e palavras de encorajamento, incentivou cada um a continuar a expressar seus medos naquele momento, que não precisava se envergonhar e, para

aqueles que se desculparam por não saber desenhar, disse que não precisava se preocupar em produzir algo muito elaborado, até porque o processo de produção é mais importante do que o produto final (DIONISIO; YASUI, 2012; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2017).

A produção de um desenho, assim como outros recursos artísticos, pode potencializar um processo ativo de participação coletiva. Portanto, é preciso reconhecer que crianças e adolescentes são atores sociais capazes de contribuir para a transformação da sua própria realidade, cada um do seu modo, com o próprio conhecimento, liberdade e autonomia, junto com os seus pares, construindo uma experiência subjetiva única e transformadora (DANTAS et al., 2012). Um processo como esse possibilita que os participantes possam se posicionar na condição de criadores e não só de receptores, favorecendo a expressão de um protagonismo social dentro do ambiente escolar (BRANDÃO; FAGUNDES, 2016).

Pensando também pela psicanálise, para Flesler (2012) “o desenho de uma criança é índice de um tempo estrutural revelador dos tempos do sujeito” (p.123). Nessa perspectiva, para a autora o desenho de uma criança diz respeito a uma escrita particular da infância. Assim, podemos questionar: o que escreve o desenho? qual a sua eficácia?

Ainda para Flesler (2012), “quando o real do objeto está enlaçado ao simbólico da palavra, a cobertura imaginária se expressa no desenho com sucesso: a representabilidade.” (p. 124), e é pela representabilidade do desenho que se pode perceber a expressão da falha do recalque para o profissional que estiver atento escutando também o “falar” por meio de uma produção como esta.

Assim, ao realizar-se como escrita de imagem, o desenho oferece uma dupla eficácia. Por um lado, a representação pictórica do objeto desenhado implica, indefectivamente, uma passagem do objeto do real para o simbólico, mas ao apresentá-lo, obtém também um enlaçamento imaginário, dando êxito à representação e fechando a boa forma. O que ocorre é que o velamento alcançado no desenho oculta ao olhar um resto não percebido, presente em toda percepção (FLESLER, 2012, p. 125).

Na hora de apresentar o desenho para os outros colegas de turma houve momentos em que os participantes se identificaram uns com os outros ao ver um medo parecido com o seu ser mostrado. Mediar um momento como esse é função do psicólogo comprometido com o desenvolvimento humano, uma vez que quando a arte é utilizada como ferramenta de transformação social, promove a descoberta de si, a descoberta do

grupo e de suas potencialidades, de sua autonomia e de sua ousadia para agir na delicadeza do respeito ao outro (BUELAU, 2012).

Quando se utiliza diversos recursos artísticos no ambiente escolar percebe-se que estes podem ser instrumentos potentes para ressignificar qualquer mal-estar subjetivo presente no contexto (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2017), isso possibilita a produção de novas subjetividades ao estimular espaços de protagonismo e de emancipação para os sujeitos, o que está em sintonia com o ato de criar novas formas de sentir, ouvir, tocar, imaginar e dialogar com suas próprias questões (BOAL, 2015).

Na terceira etapa, a discussão sobre como lidar com os medos foi acompanhada de muita troca de sugestão entre os participantes. Observa-se com isso que foi criado um espaço de troca subjetiva que favoreceu a empatia e cooperação entre os participantes. Diante disso, sabemos que ao se engajar em ajudar um colega a lidar melhor com a sua dificuldade tem-se, com isso, um grande estímulo a comportamentos pró-sociais no ambiente escolar, algo que é de extrema importância para o desenvolvimento da criança e do adolescente (BUSSAB, 1997; MAGALHÃES, 2020).

O psicólogo sugeriu ao final da oficina que todos poderiam guardar o desenho e colocá-lo em alguma caixinha que tiver em casa. Essa sugestão foi feita com o objetivo de dar um destino a esse medo simbolizado, um contorno simbólico ou uma borda subjetiva que possa ajudar a ressignificar a forma como enxergam esse medo (FLESLER, 2012).

Para encerrar, todos os participantes que quiseram compartilhar a palavra do dia avaliaram a oficina de forma positiva e pediram para o psicólogo retornar assim que possível para a turma. Foi feito um convite para que todos que precisassem falar mais sobre o tema do dia ou sobre qualquer outro assunto procurasse o psicólogo em sua sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir a prática do psicólogo escolar por meio de um relato de experiência de uma oficina psicopedagógica. Em primeiro lugar, destaca-se que a oficina discutida partiu de um levantamento de demandas feito previamente com o ensino fundamental anos iniciais. Com base nos dados coletados em uma intervenção anterior percebeu-se que as crianças apontaram o medo como uma das suas principais dificuldades. Medo da pandemia, medo de morrer, medo de ser

crianças já tinham comentado que estavam dormindo com os pais.

A oficina psicopedagógica teve como objetivo trabalhar as várias formas de lidar medo. Este tipo de intervenção faz parte de um projeto maior que tem como objetivo trabalhar as competências socioemocionais na escola. Outras intervenções desta natureza são planejadas constantemente para cada turma de acordo com as necessidades e demandas apresentadas pelos próprios alunos ou encaminhada pelos pais e equipe pedagógica da escola.

Nesta ocasião, participaram da oficina os alunos do 5º ano, sendo 13 presenciais e 2 remotos. Percebemos, portanto, que a oficina possibilitou a circulação dos discursos sobre o medo. Com isso, foi possível estimular o protagonismo e autonomia dos participantes por meio da produção de um desenho. A partir do desenho elaborado sobre um medo pessoal que cada participante escolheu, foi trabalhado como cada um pode lidar com o mesmo, ressignificando algumas crenças sobre cada medo apresentado. Desse modo, foi criado um espaço onde foi possível que os participantes pudessem se posicionar na condição de criadores e não só de receptores, favorecendo a expressão de um protagonismo social dentro do ambiente escolar.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para discussões a respeito da prática do psicólogo escolar e de como este pode atuar colaborando para o desenvolvimento de competências socioemocionais e comportamentos pró-sociais no ambiente escolar. Fica claro que o profissional comprometido com uma escuta ativa e sensível deve estar embasado teoricamente em uma perspectiva interdisciplinar e possa dialogar com diversos saberes.

REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção psicopedagógica.**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016.

BAR-ON, R. **BarOn emotional quotient inventory**. Multi-health systems, 1997.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BUSSAB, V. S. R. O desenvolvimento de comportamentos pró-sociais na criança: considerações sobre a natureza dos fatores e dos processos envolvidos. **Temas psicol.**, v. 5, n. 3, p. 19-26, dez. 1997. Disponível em

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, [s/v], n. 61, p. 89-106, jul./set., 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n61/1984-0411-er-61-00089.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

BUELAU, R. M. Ensaio de delicadeza e ousadia: uma experiência com o corpo na saúde mental. In: AMARANTE, P. D. C.; CAMPOS, F. N. (Orgs.) **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012. p. 126-139.

DANTAS, V. L. A. *et al.* Cirandas da vida: dialogismo e arte na gestão em saúde. **Saúde Soc.** São Paulo, v.21, supl.1, [s/n] p.46-58, mai., 2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21s1/04.pdf>>Acesso em: 21 mai. 2021.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais e a construção do conhecimento escolar. In: ZAMIGNANI, D. R. (Org.). **Sobre o comportamento e cognição: a aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital e nos transtornos psiquiátricos**. São Paulo: AirBytes, 1997. p. 234-250.

DIONISIO, G. H; YASUI, S. Oficinas expressivas, estética e invenção. In. AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Orgs.). **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodini, 2012. p. 53- 65.

FLESLER, A. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MACÊDO, J. W. de L.; SILVA, A. B. Construção e Validação de uma Escala de Competências Socioemocionais no Brasil. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 2, p. 965-973, 2020.

MAGALHÃES, C. **Promoção de condutas pró-sociais na infância e prevenção da violência**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em criminologia) – Universidade Fernando Pessoa, Porto – PT.

MASHA E O URSO – A noite assustadora. Produção de Animaccord Studios. 2017, 6 min e 41 seg., son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RLzw3ICTIHM>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

NASCIMENTO, M. V. N.; OLIVEIRA, I. F. Práticas integrativas e complementares grupais e o diálogo com a educação popular. **Rev. Psicologia em Pesquisa**, Juíz de Fora, v. 11, n. 2, p. 89-97, dez., 2017. Disponível em:<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23463>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

ROSIN-PINOLA, A. R.; MARTURANO, E. M., DOS SANTOS ELIAS, L. C., & DEL



VII Congre

PRETTE, Z. A. P. Ensinando habilidades sociais educativas para professores no contexto da inclusão escolar. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, p. 737-750, 2017.

SANTOS, M. V.; SILVA T. F.; SPADARI G. F; NAKANO T. C. Competências socioemocionais: análise da produção científica nacional e internacional. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 4-10, 2018.

SANTOS, D.; PRIMI, R. Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas. Relatório sobre resultados preliminares do projeto de medição de competências socioemocionais no Rio de Janeiro. São Paulo: OCDE, SEEDUC, **Instituto Ayrton Senna**, 2014.

SMOLKA, A. L. B.; LAPLANE, A. L. F. D.; MAGIOLINO, L. L. S.; DAINEZ, D. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos. **Educação & Sociedade**, v. 36, p. 219-242, 2015.

TENHO MEDO, MAS DOU UM JEITO. Produção de Bisnaga Kids, 2020, 3 min e 39seg., son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3TkonAGecbs>>. Acesso em: 21 mai. 2021.